



“MINHA VIOLA EU NÃO TOCO SOZINHO”: O SAMBA DO QUILOMBO DOS PINTOS ENQUANTO ESTRATÉGIA AFROREFERENCIADA DE EMANCIPAÇÃO TERRITORIAL

*“I DON'T PLAY MY GUITAR ALONE”: THE SAMBA OF
QUILOMBO DOS PINTOS AS AN AFRO-REFERENCED
STRATEGY FOR TERRITORIAL EMANCIPATION*

*“NO TOCO MI GUITARRA SOLO”: EL SAMBA DEL QUILOMBO
DOS PINTOS COMO ESTRATEGIA AFROREFERENCIADA
PARA LA EMANCIPACIÓN TERRITORIAL*

Azânia Mahin Romão Nogueira

Azânia Mahin Romão Nogueira
Graduade em Geografia pela Universidade
Federal de Santa Catarina (UFSC), mestre em
Geografia pela mesma instituição e atualmente
doutorande em Geografia pela Universidade
Federal da Bahia (UFBA). Membro do grupo
Produção do Espaço Urbano (IGEO/UFBA)
e do grupo EtniCidades (FAU/UFBA).

E-mail: azania.mahin@gmail.com.

Resumo

Apesar da tentativa da colonização em nos paralisar, investigo a possibilidade da emancipação através do movimento, especialmente a partir do canto e da dança em comunidade. O Samba do Quilombo dos Pintos representa um território negro no Engenho Velho da Federação, em Salvador, promovendo a preservação das tradições afro-brasileiras. Mais que uma festa, o evento é uma manifestação de sociabilidade baseada em princípios afro-brasileiros, com recursos financeiros direcionados para a emancipação territorial do terreiro Nzo Onimboyá. Compartilho aqui o resultado da análise do discurso produzido por protagonistas do Samba, através das redes sociais e de documentários, além de minhas vivências nos encontros mensais do Samba desde dezembro de 2022. Destaco a necessidade constante de ação para alcançar a emancipação, superando as condições de subalternização da população negra.

Palavras-chave: samba duro; performatividade; cultura negra; territórios negros; emancipação.

Abstract

Despite the colonizers' attempts to paralyze us, I explore the possibility of emancipation through movement, particularly through singing and dancing in community. The Samba of Quilombo dos Pintos represents a black territory in Engenho Velho da Federação, in Salvador, promoting the preservation of Afro-Brazilian traditions. The event is more than a celebration; it is a manifestation of sociability based on Afro-Brazilian principles, with financial resources directed towards the territorial emancipation of the Nzo Onimboyá terreiro. Here, I share the results of the discourse analysis produced by the protagonists of Samba through social media and documentaries, as well as my experiences at the monthly Samba gatherings since December 2022. I emphasize the constant need for action to achieve emancipation, overcoming the conditions of subalternity of the black population.

Keywords: samba duro; community; performativity; black culture; black territories; emancipation.

Resumen

A pesar de los intentos de los colonizadores por paralizarnos, exploro la posibilidad de emancipación a través del movimiento, particularmente a través del canto y el baile en comunidad. El Samba del Quilombo dos Pintos representa un territorio negro en Engenho Velho da Federação, en Salvador, promoviendo la preservación de las tradiciones afrobrasileñas. El evento es más que una celebración; es una manifestación de sociabilidad basada en principios afrobrasileños, con recursos financieros dirigidos hacia la emancipación territorial del terreiro Nzo Onimboyá. Aquí, comparto los resultados del análisis del discurso producido por los protagonistas del Samba a través de las redes sociales y documentales, así como mis experiencias en los encuentros mensuales de Samba desde diciembre de 2022. Enfatizo la necesidad constante de acción para lograr la emancipación, superando las condiciones de subalternidad de la población negra.

Palabras-clave: samba duro; comunidad; performatividad; cultura negra; territorios negros; emancipación.

Introdução

A professora Leda Maria Martins nos ensina sobre como a colonização é capaz de paralisar o corpo cantante e dançante. Dessa forma, nos mantermos em movimento, cantando e dançando em comunidade é um ato de emancipação. Trago aqui essa emancipação enquanto alternativa ao processo que centraliza a cosmopercepção branca em nossas experiências, seja de subjugação, seja de resistência. Assim, proponho uma observação à complexidade específica do samba duro do Engenho Velho da Federação, não como um agente contra ou decolonial, mas inscrito por e a partir de afrografias.

Para isso, trago o Samba do Quilombo dos Pintos enquanto estratégia afrorreferenciada de emancipação territorial. Realizado pela comunidade do terreiro Nzo Onimboyá, materializa o que pode ser um território negro no Engenho Velho da Federação, bairro de Salvador, a primeira capital do Brasil. Um território negro não apenas pela presença majoritária de corpos afrodescendentes,

mas pela preservação e pela reprodução cotidiana de nossas tradições, que marcam a forma como nos apropriamos do espaço e construímos relações. Sendo organizado “para que mais uma comunidade afro-brasileira se mantenha sem sucumbir ou se curvar ao sistema”, o samba é um evento pago que acontece no Quilombo dos Pintos uma vez por mês, desde abril de 2022. Muito mais que uma festa, o encontro é um momento de sociabilidade em que as dinâmicas são informadas pelas tradições afro-brasileiras como: o protagonismo e a liderança de mulheres negras; a senioridade como elemento hierárquico, ao invés de status social ou escolaridade; o respeito pela agência das crianças; a reverência pela natureza como parte fundamental e inseparável da comunidade; a valorização de quem serve a comunidade; e a alegria como parâmetro de produtividade. Os recursos financeiros são todos aplicados na emancipação territorial do terreiro.

Nesse sentido, o samba sempre foi uma estratégia de emancipação para a população negra no Brasil. Muniz Sodré diz que:

[...] nos quilombos, nos engenhos, nas plantações, nas cidades. Havia samba onde estava o negro, como inequívoca demonstração de resistência ao imperativo social (escravagista) de redução do corpo negro a uma máquina produtiva e como uma afirmação de continuidade do universo cultural africano. (Sodré, 1998, p. 12)

A territorialização a partir do samba, seja ela espacial ou corporal, exige aforreferenciar esse processo, considerando os princípios civilizatórios que orientam essas ações. Em *Escrevo o que eu quero*, Steve Biko afirma que “[...] como organizadores da tradição, não podemos jamais presumir que somos seus únicos intérpretes e assim retirá-la do domínio do povo” (1990, p. 14). Por conta disso, o caminho que realizo indica diálogos e particularidades informados pelas minhas experiências. Assim, me coloco não enquanto uma observadora, nem mesmo uma pesquisadora participante, mas um corpo-território consciente da disputa em curso em diferentes escalas, utilizando da teoria social para efetivar estratégias de justiça social visando a emancipação coletiva.

Para isso, é fundamental me localizar nesse universo de observação: apesar de estabelecer relações de afetos com várias pessoas da família

Oliveira Pinto e do Nzo Onimboyá e frequentar assiduamente o Samba do Quilombo dos Pintos, não sou integrante desse espaço. Além disso, apesar de morar nas redondezas desde que cheguei em Salvador, sou uma pessoa preta do Sul do Brasil, cuja identidade é forjada em um território afirmativo negro, mas dentro de um contexto de maioria racial branca. Apesar de me sentir “de casa” em certa medida, não me iludiria em acreditar que usufruo de uma pertença tal qual a sentida e exercida por aqueles que de fato compõem a família carnal e de axé que cotidianamente constroem esse espaço.

Meu objetivo aqui se alinha com o exercício de Saidiya Hartman de “retificar a violência da história compondo uma carta de amor a todos aqueles que foram prejudicados [...]” (2022, p. 54). Diferentemente das vidas rebeldes que Saidiya encontrou nos arquivos, o Quilombo dos Pintos está longe de ser um lugar esquecido ou do esquecimento. Muito pelo contrário, o memorial do terreiro que salvaguarda a história e legado de Valdina de Oliveira Pinto está sendo financiado exclusivamente com o lucro gerado pelo samba. Assim, sabendo de meu lugar, deixo explícito também que minha proposta frente à essa experiência socioespacial que é o Samba do Quilombo dos Pintos, não é o de sistematização que a meu ver cabe à intelectualidade oriunda desse espaço, mas de oferecer uma interpretação a partir do improvisado de mentes e os corpos visando a emancipação territorial. Enxergo nessa vivência uma insubmissão frente ao projeto civilizatório brasileiro e a construção cotidiana de uma “possibilidade nos dias da destruição”, como Beatriz Nascimento (2018, s.p.) qualifica os quilombos.

Para isso, me proponho a olhar para as (con)tradições afrobrasileiras re-produzidas por nós, pessoas que organizam, tocam, dançam e/ou vivem o Samba do Quilombo dos Pintos. O que compartilho aqui é resultado da análise do discurso produzido por protagonistas do Samba através das redes sociais e documentários, além de vivências nos encontros mensais do Samba, desde dezembro de 2022, enquanto estratégias metodológicas empregadas em minha pesquisa de doutorado em curso no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia. Essas vivências foram posteriormente registradas em diários de pesquisa e analisadas a partir do Pensamento Negro diaspórico, compreendendo que o mesmo interpreta o mundo todo, não apenas o mundo negro ou a periferia, seja ela espacial ou do conhecimento.

Seu diferencial é reconhecer o racismo enquanto ideologia presente na formação socioespacial do mundo moderno, compreendendo que, apesar da humanidade ser única em termos biológicos, perpetuamos diferentes cosmo-percepções e, portanto, distintas formas de reprodução de vida, de interação entre espécies, e, conseqüentemente, de construir pesquisas.

Emancipação territorial enquanto tradição afro-brasileira

O Engenho Velho da Federação, bairro de Salvador onde se localiza o Quilombo dos Pintos, é fundamental para compreender as dinâmicas raciais da cidade. É nele que se localizam o Terreiro do Bogum de Mãe Ruinhó, o Ilê Lajuomim de Iyá Caetana, e o Nzo Onimboyá de Makota Zimewanga. Ao caminhar pelo bairro, é explícito o papel das mulheres negras na construção desse território negro, que se faz pela presença cotidiana e também por marcadores da ancestralidade.

É no quintal de Makota Zimewanga, Valdina de Oliveira Pinto (1943-2019), que ocorre o Samba do Quilombo dos Pintos. A professora Valdina em sua autobiografia *Meu caminhar, meu viver* fala sobre como foi crescer no bairro entre as décadas de 1940 e 1950:

Realmente foi um privilégio ter nascido e ter vivido minha infância e juventude num tempo em que muitos dos jeitos e valores de comunidades africanas ainda existiam aqui, bem como, imagino, em outras comunidades de negros naquela época. Quem vem de fora morar no Engenho Velho hoje, e mesmo as crianças, os jovens de hoje que são das famílias antigas não tem a mínima ideia de como era esse lugar. Era mesmo uma comunidade, com outro jeito de nascer, de crescer, de viver, de educar crianças e jovens, de realizar coisas coletivamente, de se entreatar do nascer a morrer... (Pinto, 2013, p. 28)

Ela traz em sua “escrita falada” elementos de afrorreferenciam a sua constituição e a de sua comunidade. Apesar de reconhecer as mudanças no bairro, a professora Valdina Pinto residiu no mesmo durante toda a sua vida, sempre explicitando a importância desse território em sua formação. Esse discurso estava atrelado a uma postura de proteção territorial que se materializa em um explícito enfrentamento à dimensão espacial do racismo, em recusa

à narrativa determinista de violência e de ausências vinculada sobre o bairro. Ela ainda diz que

[...] o ambiente natural que nos cercava favorecia uma interação mais próxima, mais direta com imaterial, com o invisível, fico a pensar no quanto vamos perdendo com a devastação dos ambientes naturais, os “espaços de mato”, por conta do “progresso”, por conta da ignorância ou das ambições humanas... (Pinto, 2013, p. 27)

O envolvimento territorial desses corpos produzem paisagens distintas que estão fora do pensamento urbanístico hegemônico brasileiro. Sendo um bairro negro (Ramos, 2013), com uma população em que 87% se autodeclararam negros (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010), o Engenho Velho da Federação é mais um exemplo de, como frente à um sistema adverso, o povo negro no país se organizou e segue se organizando por emancipação territorial. Castiel Vitorino Brasileiro diz que “[...] o Brasil não é nosso [população negra], e eu particularmente não tenho nenhuma vontade de disputá-lo” (2022, p. 25). Essa coragem coletiva de seguir lembrando e apostando em outras formas de reprodução da vida se materializa na vivência cotidiana em nossos territórios, na nossa capacidade realizadora perante as adversidades, e na construção de relações interpessoais e interespecies afetadas por nossas experiências simbólicas do que nossas vidas são e do que podem ser.

As matrizes africanas e indígenas são as raízes que realimentam esses territórios com as possibilidades do Bem Viver e da Boa Morte onde, dentro da complexidade das dinâmicas sociais particulares observadas em distintos espaços, desenham estratégias de emancipação econômica. Aqui, como dialoga a professora Leda Maria Martins (2023, s.p.), a ideia de emancipação se efetiva enquanto “um poder de realização colocado em prática a cada mínimo dia, não é algo dessa experiência de vida – uma vida de luta diária e sem descanso por plenos direitos de existir e sermos cidadãos.”¹. A não-cidadania

1. Fala proferida durante a aula inaugural do semestre 2023.2 do Programa de Pós-graduação Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos da UFBA, realizada no dia 5 de setembro de 2023, com o título “Saberes e performances de matriz africana na renovação epistemológica das ciências e das artes”

de alguns também foi motivo de explanação do professor Milton Santos no simpósio *O Preconceito*², materializada no texto “As cidadanias mutiladas”:

[...] no Brasil quase não há cidadãos. Há os que não querem ser cidadãos, que são as classes médias, e há os que não podem ser cidadãos, que são todos os demais, a começar pelos negros que não são cidadãos. Digo-o por ciência própria. Não importa a festa que me façam aqui ou ali, o cotidiano me indica que não sou cidadão neste país. (Santos, 1996/1997, p. 134)

Observemos que o professor trata da cidadania como uma questão de classes, sendo possível para as classes médias, ainda que essas prefiram ter privilégios à direitos. Porém, é também uma questão racial, visto que o grupo de não-cidadãos começa com os negros. Portanto, compreendo que a emancipação enquanto possibilidade de efetivação da cidadania para todas as pessoas demanda ação constante e cotidiana, para a superação das condições que sujeitam a população negra brasileira a lugares de subalternização e cidadania mutilada. Enquanto a liberdade e a abolição podem ser validadas externamente, como através da Constituição, são critérios próprios que definem e garantem a emancipação. Isso se conecta com a ideia de Consciência Negra de Steve Biko e com a falência da negritude de Castiel Vitorino Brasileiro, que podem se parecer opostas, mas enxergo como caminhos possíveis para a emancipação. Será a partir da consciência de nossa condição social e de nosso protagonismo na superação das estruturas coloniais que iremos superar a racialização e, com ela, a negritude. A emancipação territorial é o que encontramos após essa transformação em relação com o nosso espaço, podendo organizá-lo, produzi-lo e reproduzi-lo a partir de nossas próprias perspectivas.

Junto a isso, temos a ancestralidade enquanto negação da inevitabilidade da destruição. A certeza de que “viver é partir, voltar e repartir”, como diz Emicida, possibilita a articulação de uma comunidade na criação de um evento como o Samba do Quilombo dos Pintos, indo ao encontro do que Muniz Sodré (2023, s.p.) aponta enquanto uma das subjetividades de santo:

2. O simpósio *O Preconceito* foi realizado no Salão Nobre da Faculdade de Direito da USP, nos anos 1990.

a alegria frente ao real³. Ao discorrer sobre o legado de sua tia, Júnior Pakapym (2023), Tata Kumbakeji do Nzo Onimboyá, falou⁴ da importância de perpetuar o que foi feito por ela cotidianamente, exaltando as nossas personalidades apesar das falhas de instituições que deveriam se responsabilizar por essa salvaguarda. Pakapym relatou sobre a resistência da professora Valdina em aceitar financiamento público para publicar sua autobiografia e denunciou que hoje, uma década depois do lançamento da obra, ainda existem pendências do estado da Bahia com profissionais que participaram da elaboração do livro. Esse é um dos exemplos da necessidade de emancipação econômica de comunidades negras, visto que os projetos de gestão governamental da branquitude, independente do lugar que os anunciam no espectro político, são sistematicamente negligentes com as demandas negras.

Os eventos nas ruas do Engenho Velho da Federação são um vislumbre de possibilidades de autogestão territorial. Os festejos de São João, com o samba junino ocupando as ruas do bairro, são tradição antiga, retomadas com força total em 2023 com o fim de todas as restrições decorrentes da pandemia de covid-19. Ainda nesse ano, houve a retomada do Samba para o Caboclo Massaranduba durante o 2 de Julho. Iniciada em 1997, a tradição teve sua última edição em 2012. Segundo Junior Pakapym, essas festas são manifestações culturais, populares e, em certa medida, religiosas que também reforçam a ligação da comunidade com seu próprio território. Junior Pakapym nos conta sobre como funciona a festa:

Existe uma imagem de caboclo, que com a proporção toda compraram uma imagem do caboclo uns 20 anos atrás. Essa imagem, na véspera tem alguns atos sim, mais internos, que a gente faz com o caboclo, faz uma jurema, faz uma reza, faz uma coisa internamente. E depois disso a gente prepara a rua, né, o lugar onde ele vai ficar, que ele vai pra rua, a gente prepara a rua, de manhã tem a alvorada, a gente bota a imagem do caboclo pra fora, enfeita a palhoça dele na rua mesmo que

3. Fala proferida durante a conferência de abertura do *II Ciclo Internacional de Conferências Brasil: Poéticas da Diáspora Africana*, realizada no dia 9 de maio de 2023, com o título “O Pensamento Disruptivo”.

4. Fala proferida durante a *II Semana da Consciência Negra do Instituto Cultural Bantu*, no dia 14 de novembro de 2023. A mesa redonda “Legado de Makota Valdina, Mestre Gerson Quadrado, Mário Gusmão e Antonieta de Barros” contou com a presença de Jeruse Romão, Mestre Roxinho, Lau Santos, Júnior Pakapym, Mestre Budião e Mestre Pitanga.

ele fica visto para toda a comunidade: aí a gente bota fruta, bota folha, bota palha de dendê, bota ali um negócio de uma jibóia. E as coisas acontecem né? E o interessante é a gente ver como essa manifestação cultural, popular, eu digo que religiosa também. De como tem pessoas no bairro que você nem sonha que é adepto às religiões afro-brasileiras e vai ali pro pé do caboclo conversar numa fé danada, tinha muitas pessoas, ele tem muitos devotos. Já aconteceu de rolar passeata né? Botar ele no andor e o povo sair no Engenho Velho com o caboclo cantando samba de roda... E é muita alegria na festa de Seu Massaranduba né? E a gente tem muita fé também nesse caboclo. Mas é um caboclo mais ligado a essa movimentação da comunidade mesmo. Então ele vai pra rua, fica alí todo enfeitado e no findar da noite, no acabar da festa, a gente levanta todas aquelas frutas, distribui as frutas pelas comunidade, e algumas coisas a gente leva pro mato, entrega no mato... Então tem um quesito religioso, cultural, profano, é um negócio gostoso⁵.

Para ele e outras lideranças negras locais, o bairro perdeu sua identidade com a chegada de segmentos religiosos fundamentalistas que visam apagar a ancestralidade negra e de terreiro do local. Então, essas festividades demarcam esse espaço nas disputas territoriais e simbólicas do que é o Engenho Velho da Federação.

Nesse contexto, apesar das tentativas de subordinação do povo africano e de seus descendentes, estratégias para garantir a reprodução da vida por nossas maneiras sempre estiveram presentes a fim de se manter o agenciamento sobre nossas existências. O Samba do Quilombo dos Pintos teve início em novembro de 2021, com o intuito de arrecadar recursos financeiros para o Terreiro Nzo Onimboyá. Iniciado como um encontro entre amigos da casa, logo se transformou em um evento aguardado na cidade, recebendo no Engenho Velho da Federação pessoas de outros territórios.

A ideia de realizar um samba não é algo distante da história da família, que conta dentre seus membros o Mestre Queinho e Seu Raimundinho. No documentário *O Engenho Novo descobrindo o Engenho Velho*, Mestre Queinho conta que ganhou seu primeiro violão de Makota Valdina, sua irmã mais velha. Aquele incentivo foi um momento crucial em sua caminhada,

5. Os comentários sobre o Samba para o Caboclo Massaranduba foram compartilhados através de vídeos nos *stories* do Instagram, no dia 30 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/juniorpakapym>. Acesso em: 30 jun. 2023

que é marcada pela participação na criação e desenvolvimento de diversos grupos de samba como Os Astrais, A Pagolada, e o Gerasamba, este último mais tarde passou a se chamar É o tchan!, sendo o representante do pagode baiano mais conhecido nacionalmente.

O exercício de diferenciar as inúmeras derivações rítmicas do samba de roda nos exige olhar para os territórios em que cada uma delas se manifesta. Antes de tudo, temos a roda. A roda do xirê, a roda da capoeira, a roda do samba. No recôncavo baiano, os sambas realizados depois dos candomblés ou após jornadas de trabalho – como o caso de Grupo de Samba de Roda Suerdieck de Dona Dalva, em Cachoeira – têm como protagonistas os atabaques, com seus timbres graves e ressonantes, acompanhados por palmas e pandeiros que acrescentam um ritmo ágil e contagiante. Outros instrumentos, como reco-recos, agogôs e xequerês, complementam a sonoridade.

As letras das músicas geralmente abordam temas do cotidiano, religiosidade, trabalho, e resistência, muitas vezes com uma pegada crítica e satírica. O samba frequentemente começa com um pedido de licença, seja à “dona da casa” ou aqueles que acompanham o grupo. As canções tradicionais, em sua maioria consideradas de domínio público, são cantadas com um puxador e resposta em coro. As vestimentas típicas remetem às tradições do território em que o samba duro nasceu: a banda costuma trajar calças brancas e camisas coloridas, enquanto as cantoras e dançarinas usam saias rodadas, blusas de renda e cabeças cobertas.

O modo de dançar é espontâneo, com movimentos de pernas e pés rápidos e bem marcados, de forma mais dura, enquanto o corpo se mantém solto e flexível. As rodas de samba, onde os participantes se revezam no centro, permitem improvisação e criatividade, valorizando a individualidade dentro do coletivo. As pessoas que dançam interagem não apenas com quem canta e toca, mas também com os próprios instrumentos, criando uma performance que não esquece as tradições da vida e da cultura afro-brasileira. Durante um barravento, o uso dos atabaques é intensificado, aumentando o volume e a complexidade rítmica. Aqueles que dançam respondem a essa mudança com movimentos mais rápidos e vigorosos, muitas vezes reproduzindo os que se aproximam do estado de transe.

No documentário *Orí*, Beatriz Nascimento narra que:

[...] a memória são conteúdos de um continente, da sua vida, da sua história, do seu passado... Como se o corpo fosse o documento. Não à toa que a dança para o negro é um momento de libertação, que o homem negro não pode estar liberto enquanto ele não esquecer o cativeiro – não esquecer **no gesto** que ele não é mais um cativo. (Orí, 1989)

É na autonomia de seu corpo que a população negra pode se lembrar que não é mais cativa, e na roda do Samba Duro o improviso abre espaço para o confortável, o familiar, mas também para o novo e o desafio. Movimentos que talvez o corpo não faça em seu cotidiano, no local de trabalho ou em outros espaços, mas que se conectam com o outro, com o sagrado, com o profano. A liberdade está em poder fazer tudo aquilo que se imagina. Porém, enquanto corpo-território negro, sabemos que essa liberdade é condicionada. Apesar de não sermos mais uma massa trabalhadora subjugada ao regime escravocrata, a abolição não resultou em autonomia, mas a luta pela liberdade constituiu enquanto herança a busca cotidiana por emancipação.

Com a chegada de pessoas oriundas do Recôncavo em Salvador, especialmente em Engenho Velho de Brotas, Engenho Velho da Federação, Liberdade e Tororó, o Samba Duro passa a ganhar características desses territórios, refletindo as dinâmicas sociais do espaço urbano, outras relações de trabalho, de consumo e de lazer. Apesar das transformações, que vão impulsionar a criação do pagode baiano, na época do São João o Samba Duro é novamente o protagonista desses bairros, lembrando as tradições do interior. O Samba Junino toma conta das ruas no período da Semana Santa e segue até o 2 de julho, quando desfila também no cortejo da Independência do Brasil na Bahia. Em 2018, foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial de Salvador pela Fundação Gregório de Mattos.

No Engenho Velho da Federação, a Samba Scorpions revelou talentos da música baiana, dentre eles o Mestre Queinho. O impacto no território é tão significativo que a ladeira onde o Samba do Quilombo dos Pintos é realizado ainda é conhecida como Ladeira do Scorpion, mesmo com o fim das atividades da banda. A existência do samba hoje é um exemplo de estratégia de proteção territorial para a emancipação, em que membros da comunidade

se organizam para garantir sua permanência nela a partir de seus próprios princípios civilizatórios. Retomando a fala de Mestre Queinho registrada no documentário sobre o bairro, ele afirma a importância do Samba Duro no território, pois “não é só a música, mas socializar essa garotada [...], a gente sabe que tem muita coisa boa aqui, a gente tem que buscar essas coisas e trazer à tona. [...] nosso maior trunfo é a arte”

Considerações finais

Salvador é a primeira capital do Brasil, e esse dado histórico não passa despercebido por aqueles que permanecem algum tempo na cidade. Seja pelo slogan adotado pela prefeitura ou pelas dinâmicas sociais, ainda somos constantemente lembradas que aqui é a forja da máquina colonial e também a terra fértil onde alianças de existência afro-indígenas foram firmadas. Com isso, ainda que com felicidade consigamos constatar a reprodução cotidiana de tradições ancestrais negras, também é inegável os efeitos dos esforços da tradição colonial no embranquecimento, seja biológico ou cultural, do povo soteropolitano.

A tradição colonial é cisheteronormativa, patriarcal, e, obviamente, brancocentrada. É perpetuada pela mídia, pelas escolas, nas normas sociais e na legislação, tendo o racismo como principal ferramenta de impedimento para que outras tradições coexistam nesses espaços de socialização e poder. Ela recebe nomes como “desenvolvimento”, “progresso” e “modernidade”, mas na verdade se materializa no espaço enquanto a única maneira de vivenciar e organizar territórios, impossibilitando que populações vivam nos seus próprios termos, seja em ruptura ou em continuidade de suas tradições. Assim, nossas práticas cotidianas são disputadas a todo tempo, desde como e quando nos alimentamos, nossa relação com a terra e nossas habitações. De maneira interpessoal, as relações sociais também são afetadas pelo racismo, pela LGBTfobia, pela misoginia e pelo classismo. Com isso, mesmo dentro de espaços como o Samba do Quilombo dos Pintos, a reprodução de comportamentos contraditórios a uma tradição africana – nesse caso específico, de raiz bantu – também é observada.

A roda do samba duro materializa a contra colonialidade, na qual corpos-territórios apresentam seu repertório ocupando espaço, transformando o que já é conhecido e abrindo espaço para o novo – ou para aquilo que foi esquecido no caminho. Na roda do Samba do Quilombo dos Pintos, esse movimento se dá coletivamente, em que cada pessoa ao se expressar no improvisado convida a outra a fazer o mesmo, trazendo para a circularidade saberes e memórias inscritos em seu corpo-documento. Enquanto uma pessoa preta, bissexual e não-binária, no Samba do Quilombo dos Pintos, com meus mais novos e mais velhos, reconheci minha ancestralidade, seja ela material ou não. Entre convergências e divergências, passos coreografados e improvisos, a distância entre o sul e o nordeste, entre a umbanda de almas e angola e o candomblé angola, entre as expectativas e a realidade de gênero e sexualidade, foi superada na dança e na música. Se a viola não é tocada só, o samba apenas existe na coletividade de quem compreende a necessidade de um território emancipado e, acima de tudo, preto.

Referências

- BIKO, Steve. **Escrevo o que eu quero**. São Paulo: Ática, 1990.
- BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Quando o sol aqui não mais brilhar**: a falência da negritude. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2022.. Acesso em: 10 dez. 2023.
- ENCONTRO com Milton Santos**: O mundo global visto do lado de cá. Direção de Silvio Tendler. Roteiro: Claudio Bojunga. Brasil: Ana Rosa Tendler, 2006. (90 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ifZ7PNTazgY>. Acesso em: 24 set. 2023.
- HARTMAN, Saidiya. **Vidas Rebeldes, Belos Experimentos**: Histórias Íntimas De Meninas Negras Desordeiras, Mulheres Encrenqueiras E Queers Radicais. [S.l.]: Fósforo, 2022.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- MARTINS, Leda Maria. **Saberes e performances de matriz africana na renovação epistemológica das ciências e das artes**. Universidade Federal da Bahia: Programa de Pós-graduação Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos. Aula inaugural, 05 set. 2023.
- NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e intelectual**: possibilidade nos dias da destruição. [S.l.]: Filhos da África, 2018.

- O ENGENHO novo descobrindo o engenho velho.** Direção: João Rodrigo Mattos. Produção: Luiz Henrique Oliveira; Ludmila Santos; Moisés Victorio Conceição; Valdete Moreira e outros. Salvador: [s. n.], 2013. 1 vídeo (26 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jbl3ZNL5qrE>. Acesso em: 10 jun 2024
- ORÍ.** Direção de Raquel Gerber. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda, 1989, vídeo (131 min), colorido. Relançado em 2009, em formato digital.
- PAKAPYM, Junior. **Legado de Makota Valdina, Mestre Gerson Quadrado, Mário Gusmão e Antonieta de Barros.** Teatro Gregório de Mattos: II Semana da Consciência Negra do Instituto Cultural Bantu. Mesa redonda, 14 de novembro de 2023. 2023a.
- PAKAPYM, Junior. [@juniorpakapym]. 30 de junho de 2023. **Stories.** Instagram. 2023b. Disponível em: <>. Acesso em: 30 jun. 2023
- PINTO, Valdina. **Meu caminhar, meu viver.** Salvador, BA: EGBA, 2013. 175 p.
- RAMOS, Maria Estela Rocha. **Bairros negros:** uma lacuna nos estudos urbanísticos um estudo empírico-conceitual no bairro do Engenho Velho da Federação, Salvador (Bahia). 2013. 332 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, Salvador, 2013.
- SANTOS, Milton. As Cidades Mutiladas. *In:* LERNER Júlio (org.). **O Preconceito.** São Paulo: Imesp, 1996/1997.
- SODRÉ, Muniz. O Pensamento Disruptivo. Universidade Federal do Recôncavo Baiano: II Ciclo Internacional de Conferências Brasil: Poéticas da Diáspora Africana. Conferência de abertura, 09 mai 2023.
- SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo.** Mauad Editora Ltda, 1998.